

O GRANDE FENÓMENO DO BOOKTOK

UMA  
JANELA  
SOMBRIA

RACHEL  
GILLIG

K·A·T·H·A·R·T·I·K·A

## **Table of Contents**

[Ficha Técnica](#)

[Uma Janela Sombria](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE I - AS CARTAS](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[PARTE II - A NEBLINA](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[PARTE III - O SANGUE](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

Uma Janela Sombria

Rachel Gillig

Publicado em Portugal por

Karthartika

E-mail: [info@karthartika.pt](mailto:info@karthartika.pt)

[www.karthartika.pt](http://www.karthartika.pt)

Título original:

*One Dark Window*

© 2022 Rachel Gillig

Publicado por acordo com a autora através de BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova Iorque, EUA.

Tradução: José João Leiria

Revisão: Carla Prado e Joaquim E. Oliveira

Design da capa: Lisa Marie Pompilio

Imagens da capa: Trevillion e Shutterstock

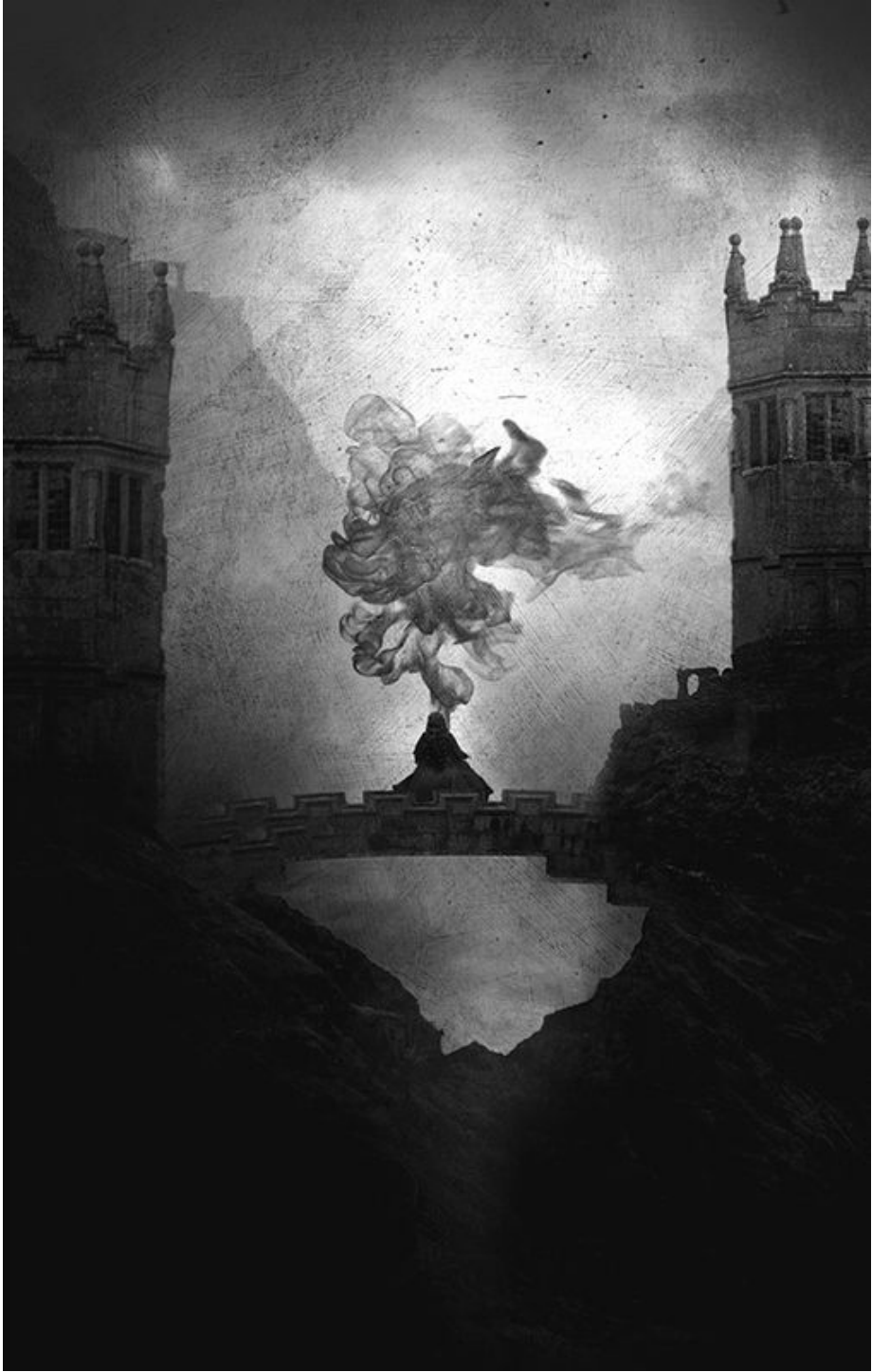
1.<sup>a</sup> edição: janeiro de 2025

Depósito legal: 540417/24

Impressão e acabamento: Publito

ISBN: 978-989-562-642-7

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização escrita da Editora.



*Para as garotas quietas cheias de histórias na cabeça.  
Para seus sonhos — e pesadelos.*



PARTE I

# AS CARTAS



# CAPÍTULO 1



Tinha nove anos na primeira vez que os Médicos foram iá a casa.

O meu tio e os seus homens tinham-se ausentado. A minha prima Ione e os irmãos estavam a fazer uma algazarra na cozinha, pelo que a minha tia só deu pelos murros na porta quando o primeiro homem de bata branca já tinha entrado na sala.

Não teve tempo de me esconder. Eu estava a dormir, enroscada como um gato junto à janela. Quando me acordou, tinha a voz carregada de medo.

— Esconde-te na floresta — sussurrou, abrindo o trinco da janela para me deixar escorregar até ao chão do outro lado.

Não caí na relva mole. Em vez disso, bati com a cabeça numa pedra e pisquei os olhos, estonteada, a ver manchas pretas e a sentir um líquido vermelho e quente a empastar-me a nuca.

Ouvi-os dentro da casa, com os passos retumbantes a indicar as suas intenções sinistras.

*Levanta-te*, disse a voz dentro do meu cérebro. *Levanta-te, Elspeth*.

Pus-me de pé com dificuldade, ainda zozza, inquieta por chegar à orla das árvores ao fundo do jardim. A neblina envolveu-me e, embora não tivesse o amuleto no bolso, corri na direção da floresta.

A dor de cabeça, no entanto, era demasiado forte. Voltei a cair, com o sangue a escorrer-me pelo pescoço.

*Eles vão apanhar-me*, pensei, sentindo o espírito dominado pelo medo. *Eles vão matar-me*.

*Ninguém te vai magoar, miúda*, vociferou ele. *Agora, levanta-te!*

Tentei o mais que pude, mas tinha-me aleijado a sério na cabeça; ao fim de cinco passos desesperados, com o limite da floresta tão próximo que a conseguia cheirar, caí no chão e perdi os sentidos.

Hoje, sei que o que aconteceu a seguir não foi nem podia ter sido um sonho. As pessoas não sonham quando desmaiam e, portanto, não pode ter sido um sonho — mas também não sei o que lhe chamar.

Durante o sonho, a neblina entranhou-se em mim, espessa e escura. Eu estava no jardim da minha tia, tal como estivera um momento antes. Era capaz de ver e de ouvir, de cheirar o ar e de sentir a terra por baixo da cabeça, mas estava petrificada, incapaz de me mexer.

*Socorro*, chorei numa vozinha sumida. *Ajudem-me*.

Ouvi passos no interior da minha mente, ruidosos e apressados, enquanto as lágrimas me deslizavam pelas bochechas. Esforcei a vista, mas não via fosse o que fosse; tinha a visão turva, como se tivesse aberto os olhos debaixo de água.

Uma dor lancinante e furiosa percorreu-me os braços enquanto sentia que as veias se tornavam subitamente negras como tinta. Gritei sem cessar até que o mundo que me rodeava desapareceu — a minha visão afunilou-se e tudo ficou escuro.

Acordei debaixo de um amieiro, escondida pela neblina e pela vegetação da floresta. A dor nas veias desaparecera. Sabe-se lá como, com a cabeça rachada, tinha conseguido chegar às árvores e escapar aos Médicos. Ia sobreviver. Enchi os pulmões e deixei escapar um soluço de alegria, ainda a tentar recuperar do ataque de pânico que ameaçara dominar-me.

Só senti as mãos doridas quando me sentei. Olhei para baixo: tinha as palmas esfoladas e arranhadas, bem como os dedos, cheios de sangue junto às unhas partidas e sujas de terra. À minha volta, solo revirado e erva pisoteada. Alguma coisa ou alguém tinha estado ali.

Ele nunca me chegou a contar como é que moveu o meu corpo e me salvou naquele dia. Continua a ser um dos seus muitos segredos, não ditos, que apaticamente repousam na escuridão em que ambos habitamos.

Ainda assim, essa foi a primeira vez em que deixei de recear o Pesadelo — a voz dentro da minha cabeça, criatura de estranhos olhos amarelos com uma voz fantasmagórica e aveludada. Onze anos se passaram desde aquele episódio e continuo sem o temer.

Mas devia.



Nessa manhã, percorri a estrada da floresta para ir à cidade ter com Ione.

O céu estava carregado de nuvens cinzentas e o caminho era escorregadio, atapetado pelo musgo. A floresta tentava reter a água, cheia de humidade, como que para desafiar a mudança inevitável de estação. Só se viam ainda umas poucas bagas de cornizo no meio do verde-esmeralda da vegetação enquanto o vermelho-alaranjado cor de fogo sobressaía orgulhoso entre o nevoeiro.

Alguns pássaros agitaram-se sob os arbustos, assustados com os meus passos desajeitados. Voaram nervosos pelo ar, a neblina tão densa que o bater das asas pareceu perturbá-la. Ajustei melhor o capuz sobre a testa e assobieei uma melodia. Era uma das músicas do monstro, uma das várias que ele costumava trautear nos recessos negros do meu espírito, um velho lamento melancólico no meio do restolho silencioso do bosque. Os meus ouvidos ficaram satisfeitos com a música e, quando as últimas notas me saíram dos lábios, tive pena de as ouvir partir.

Perscrutei o meu íntimo, a sondar a escuridão. Ao ver que não obtinha resposta, segui em frente estrada abaixo. Quando o caminho ficou cheio de

lama, fiz um pequeno desvio por entre as árvores e distraí-me com um emaranhado de frutos silvestres pretos e sumarentos. Antes de os comer, tirei do bolso a pata de corvo (o meu amuleto) e revirei-a nas mãos, com a bruma que pairava à beira da estrada a condensar-se na minha pele.

As formigas colaram-se ao sumo pegajoso que me escorreu dos dedos. Sacudi-as, mas ainda senti a sua acidez a picar-me a língua quando comi algumas sem querer. Limpei os dedos ao vestido de lã grossa e tão escura que era capaz de engolir as nódoas.

Ione estava à minha espera no fim da estrada, logo a seguir às árvores. Abraçámo-nos e ela agarrou-me pelo braço, a tentar ver-me a cara por baixo da sombra do capuz.

— Não te afastaste do caminho, pois não, Bess?

— Só um bocadinho — respondi, contemplando as ruas um pouco mais ao fundo.

Estávamos nos limites de Blunder, a teia de calçadas e lojas que me provocava mais medo do que qualquer floresta negra. As pessoas andavam por ali num alvoroço, com os ruídos de humanos e animais a ferirem-me os ouvidos após tantas semanas de sossego em minha casa, na floresta. Uma carroça passou, cheia de pressa, à nossa frente, com os cascos e as rodas a fazerem um grande estardalhaço nas pedras desgastadas da rua. Um homem, três andares acima de nós, atirou pela janela um balde de água suja que salpicou a bainha do meu vestido preto. Ouviam-se crianças a chorar, mulheres irritadas aos berros, os pregões dos mercadores, um sino a tocar algures e o arauto de Blunder a anunciar a prisão de três salteadores.

Respirei fundo e fui atrás de Ione rua acima. Abrandámos o passo para espreitar as bancas dos mercadores, experimentando com os dedos o toque dos novos tecidos tirados das montras. Ione pagou uma moeda de cobre por um rolo de fita cor-de-rosa e sorriu para o vendedor, mostrando o pequeno intervalo entre os dentes da frente. Aquela imagem aqueceu-me por dentro. Sentia um imenso afeto por ela, a minha prima de cabelos loiros.

Éramos muito diferentes uma da outra: ela era uma rapariga honesta e autêntica. Tinha sempre as emoções escarrapachadas na cara, ao passo que as minhas eram cuidadosamente escondidas por detrás de uma compostura ensaiada. Ela estava viva em todos os sentidos, proclamava em voz alta os seus desejos, os seus receios e tudo o que houvesse pelo meio, como um

gesto de gratidão lançado ao mundo. Levava consigo um imenso à-vontade para onde quer que fosse, atraindo pessoas e animais. Até as árvores pareciam desviar-se para lhe abrir caminho. Toda a gente a adorava, do mesmo modo que ela os adorava a todos, ainda que à sua própria custa. Não tinha fingimentos. Era como era, simplesmente.

Invejava-a por isso, já que, pela minha parte, eu era um pequeno animal assustado e raramente me acalmava. Precisava dela — do seu escudo de calor e descontração —, especialmente em dias como aquele, o meu onomástico<sup>1</sup>, quando ia visitar a casa do meu pai.

Lá muito longe, nos recessos do meu espírito, ecoou um bater de dentes (a princípio lento, e depois cada vez mais alto). Cerrei os maxilares e fechei os punhos com força, mas era inútil — não lhe podia controlar os movimentos. Passou por mim um rapaz que se deteve alguns segundos, talvez demasiados, a olhar para a minha cara. Lancei-lhe um sorriso falso e virei as costas, esfregando os músculos tensos da testa até conseguir fazer uma expressão neutra. Era um truque que demorei anos a aperfeiçoar ao espelho: moldar o meu próprio rosto como barro para fingir o semblante vago e discreto de alguém que nada tinha a esconder.

Senti com os olhos que ele observava Ione. Quando falou, fê-lo num tom untuoso. *Menina loira, doce e inatingível. Menina loira, simples e invisível. Menina loira, ignorada. Menina loira, não serás coroada.*

*Caluda*, disse eu, virando-me outra vez para a minha prima. Ione não sabia o que a infeção me tinha feito (ou, pelo menos, a sua verdadeira extensão). Ninguém sabia, nem sequer a minha tia Opal, que me acolheu quando fiquei delirante de febre. À noite, com a febre a lavar, calafetava a fresta por baixo da porta com lã e fechava as portadas das janelas para que eu não acordasse as outras crianças com os meus gritos. Dava-me chás para adormecer, cobria-me as veias inflamadas com um unguento e lia-me os livros que em tempos tinha dividido com a minha mãe. A minha tia amava-me, apesar das consequências que se poderiam abater sobre ela por ter dado guarida a uma criança infetada.

Quando finalmente deixei o quarto, o meu tio e os meus primos ficaram especados a olhar para mim, à procura de algum sinal de magia — de qualquer coisa que me pudesse trair.

A minha tia, porém, mostrou-se decidida: eu até podia ter apanhado a febre tão receada em Blunder, mas não passava daí — a infecção não me concedeu qualquer magia. Nem os Hawthorn nem a nova família do meu pai poderiam ser acusados de se relacionarem comigo, desde que a minha infecção permanecesse em segredo. Só assim poderia sobreviver.

As melhores mentiras são essas, as que têm um fundo de verdade que as torna convincentes. Durante algum tempo, eu própria acreditei na mentira, achando que não possuía qualquer magia. Ao fim e ao cabo, não tinha nenhum dos sinais mágicos mais óbvios que costumavam acompanhar a infecção, como poderes novos ou sensações esquisitas. Deixei-me embriagar pela ilusão, pensando que era a única criança que tinha escapado à infecção sem ser tocada pela magia.

Mas esse é um tempo que prefiro não lembrar — o tempo da inocência, antes das Cartas da Providência e, sobretudo, antes do Pesadelo.

A voz dele desvaneceu-se, com a sombra silenciosa da sua presença a retroceder também para a escuridão. A minha mente pertencia-me outra vez e o clamor da cidade voltou a encher-me os ouvidos enquanto seguia atrás de Ione até à Rua do Mercado, passando pelas várias bancas dos comerciantes.

Ouvimos um eco agudo na esquina seguinte. Havia alguém a gritar. Estiquei o pescoço e Ione estendeu-me o seu braço.

— São os ginetes — avisou.

— Ou o Orithe Willow e os seus Médicos — retruquei, estugando o passo enquanto esquadrinhava a rua à procura de batas brancas.

Soou mais um grito, com as notas agudas a eriçar-me os pelos da nuca. Virei a cabeça na direção da praça apinhada de gente, mas Ione puxou-me para trás. A única coisa que vi antes de contornarmos outra esquina foi uma mulher, a boca aberta num queixume ininteligível, com a manga do casaco puxada para trás a revelar-lhe as veias pretas como tinta.

Um instante depois, desapareceu por detrás de quatro homens de capote preto — eram aqueles os ginetes, a tropa de elite do rei. Os gritos seguiram-nos enquanto corríamos desenfreadamente pelas ruas sinuosas de Blunder. Quando chegámos ao portão da Casa de Spindle<sup>2</sup>, estávamos ambas sem fôlego.

A casa do meu pai era a mais alta da rua. Fiquei parada em frente ao portão, os gritos ainda a trepidar-me no cérebro. Ione, com as bochechas rosadas da correria, sorriu ao guarda. O grande portão de madeira abriu-se, mostrando o pátio amplo com o chão de tijoleira.

Entrámos as duas, Ione à minha frente. No meio do pátio, rodeado por um círculo de pedras de arenito, havia um fusano muito antigo plantado pelo meu trisavô. Ao contrário do estandarte púrpura dos Spindle, a árvore do pátio ainda conservava o seu verde-escuro, os ramos esguios carregados de folhas cerosas. Estiquei o braço para tocar numa delas, com o cuidado de evitar os pequenos dentes do rebordo serrilhado. Não era alta e majestosa, mas continuava a ser antiga e nobre. Junto ao fusano, ainda pequena e imatura, crescia uma sorveira-branca.

Os estábulos ficavam do lado norte do pátio e, para sul, a armaria. Não nos aventurámos por nenhum dos dois, seguindo em frente. Quando chegámos aos degraus da casa, inspirei fundo e fixei mais uma vez a minha expressão antes de bater três vezes na grande porta de carvalho.

O mordomo do meu pai veio receber-nos.

— Boa tarde — cumprimentou Balian, estreitando os olhos castanhos ao cruzá-los com os meus. Ao contrário dos outros criados da casa, tinha aprendido há muito a desconfiar da filha mais velha dos Spindle.

Já se passara um ano desde a minha última visita. Ainda assim, as cores mortíferas da casa estavam na mesma, as tapeçarias e as carpetes exatamente nos mesmos sítios. Balian acendeu uma vela e nós seguimo-lo, passando em frente à escadaria de cerejeira escura com o corrimão comprido e curvo. Não pensei muito em como adorava escorregar naquele corrimão quando era pequena, nem no facto de a casa se manter igual desde essa altura (para dizer a verdade, não pensei em grande coisa).

Balian abriu a porta em arco que dava para a sala de estar. Consegui sentir o odor da lareira antes de entrar, bem como o fumo da madeira de cedro a fazer-me cócegas no nariz. Lá dentro, a minha madrastra, Nerium, e as minhas meias-irmãs, as gémeas Nya e Dimia, levantaram-se das cadeiras almofadadas.

As gémeas tiveram a decência de sorrir, mostrando as covinhas idênticas esculpidas nas bochechas arredondadas. Podia ver o meu pai na cara delas, quanto mais não fosse porque a mãe, Nerium, não era pessoa de

sorrisos fáceis. A minha madrasta olhou para mim do alto do seu nariz delicado, enrolando as pontas do cabelo branco que lhe dava pela cintura nos dedos finos e nodosos. Tinha todo o aspeto de um abutre altivo, empoleirada no cadeirão predileto. Sentou-se, observando-me com os olhos azuis penetrantes, a avaliar se eu seria digna de ser devorada.

Ione foi a primeira a entrar na sala, bloqueando a visão entre mim e Nerium.

Abracei as minhas meias-irmãs, que tiveram o cuidado de não encostar demasiado o corpo ao meu. Quando Balian fechou a porta, eu e Ione ocupámos os nossos lugares nos cadeirões muito bem estofados junto ao fogo, sendo o meu o mais próximo da lareira.

Era tudo tão rotineiro que parecia ensaiado. Havia um vaso de íris violeta na mesinha ao lado da minha poltrona. Passei os dedos ao de leve pelas pétalas, com cuidado para não as estragar. Havia sempre íris na sala.

— São umas flores sem qualquer graça — queixou-se Nerium, a olhar para mim, estreitando os olhos para o vaso. — Não percebo o que é que o teu pai vê nelas.

As minhas entranhas reviraram-se. Tal como a maior parte das coisas que Nerium me dizia, havia uma insinuação maldosa nas suas palavras corteses e bem medidas. O meu pai tinha sempre íris em casa por uma simples razão: íris era o nome da minha mãe.

— Acho-as adoráveis. — Ione sorriu na minha direção antes de atirar um olhar venenoso à minha madrasta.

Dimia, que tinha por hábito rir-se quando não fazia ideia do que estava a acontecer, soltou um risinho nervoso.

— Estás muito bonita — comentou, inclinando-se para Ione. — Esse vestido é novo?

Senti os olhos de Nya a fitarem-me do outro lado da lareira, como se eu fosse um livro que a tivessem proibido de ler. Percebendo que eu retinha o olhar no seu, em tom de desafio, virou a cara, de semblante reservado.

As minhas meias-irmãs não gostavam de mim. Ou, mesmo que tivessem gostado em tempos, tinham perdido esse costume. Aos treze anos (menos sete do que eu), Dimia e Nya eram idênticas em quase todos os

aspectos, completamente indistinguíveis uma da outra a não ser pelo sinal de nascença pálido por baixo da orelha esquerda da última. Tinham olhado para mim a vida inteira com uma expressão espelhada de curiosidade distante, reservando a amizade e a camaradagem para si próprias.

Troquei algumas palavras vazias com Dimia, sem que o calor da lareira me aquecesse a alma. Contou-me que tinham sido convidadas, ambas, para celebrar o Equinócio no Penedo, o castelo do rei.

— Gosto imenso do Equinócio — afirmou, a voz mais colocada do que a da mãe ou da irmã, como lhe era habitual. Tirou da mesa uma bolacha de manteiga, com os olhos azuis sonhadores. Voaram-lhe migalhas dos lábios quando voltou a falar. — Da música, das danças, dos jogos!

— Nem todos os jogos são apazíveis — interveio Nya, afastando uma migalha do canto da boca da irmã. — Lembra-se do que aconteceu no ano passado?

As narinas de Nerium dilataram-se enquanto Ione franziu o sobrolho e Dimia brincou com a manga do vestido. Impassível, olhei para ela. Não me lembrava, pelo simples facto de não ter ido.

— Sua Alteza o Grão-Príncipe Hauth gosta de fazer jogos da verdade com a sua Carta do Cálice — explicou Nerium, sem se dar ao incómodo de olhar para mim. — Houve uma escaramuça entre ele e outro dos ginetes: a Jespyr Yew, se bem me lembro. Embora eu nunca tenha percebido porque é que o rei tem uma mulher ao seu serviço...

*O teu pai vem aí.*

A voz do Pesadelo esgueirou-se de repente do fundo das trevas, tão sorrateira e repentina que me sobressaltou. Pôs-se imediatamente atrás dos meus olhos, a pressionar-me. *Não me digas que não consegues ver!*

Fiquei completamente imóvel, descendo as pálpebras. Havia de facto uma luz azul a brilhar com cada vez mais força no meio do escuro, daquelas que só poderiam pertencer a uma Carta da Providência — no caso, à Carta do Poço. Parecia um feixe cor de safira, a flutuar acima do chão, guardada, sem dúvida, no bolso do meu pai. Tal como as outras Cartas da Providência, a Carta do Poço era do tamanho de uma qualquer carta de jogo banal, pouco mais pequena que o meu punho fechado. A carta tinha um rebordo de

veludo muito antigo que emitia a luz — uma luz que só eu (ou, melhor, a criatura que vivia dentro de mim) conseguia ver.

A Carta do Poço tinha sido o dote da minha mãe, sendo tão valiosa como toda a Casa de Spindle. Era uma das doze Cartas da Providência que compunham o Baralho.

As Cartas da Providência, registadas há muito no nosso texto antigo (*O Velho Livro dos Amieiros*), não eram apenas os maiores tesouros que havia em Blunder, mas também a única maneira legal de fazer magia. Qualquer pessoa as podia usar — só era preciso tocar-lhes com a devida concentração. Quem quer que desanuviasse o espírito, pegasse numa Carta e lhe batesse três vezes, podia usá-la. Se a metesse ao bolso ou a guardasse noutra sítio, a magia mantinha-se. Contudo, se lhe batesse mais três vezes, ou se outra pessoa lhe tocasse, o fluxo da magia era interrompido. Ainda assim, usar uma Carta demasiado tempo tinha consequências graves.

As Cartas da Providência eram extraordinariamente raras, existindo apenas um punhado delas. Em criança, só tinha avistado umas poucas e só tocara numa.

Arrepiei-me com a recordação do toque do veludo a fazer-me cócegas nas pontas dos dedos. A luz azul da Carta do Poço do meu pai tornou-se mais forte. Quando a porta se abriu, espalhou-se pela sala, como um farol a brilhar no peito do gibão que ele usava.

Ali estava Erik Spindle, senhor de uma das mais antigas casas de Blunder, alto, severo e temível. Para piorar a situação, fora em tempos capitão dos homens que eram convocados para dar caça àqueles que transportavam consigo a magia — como eu. O meu pai era um ginete dos quatro costados, embora eu, claro, o visse como pai e não como um simples soldado. Tal como os outros Spindle antes dele, era um homem de poucas palavras. Quando escolhia falar, a voz saía-lhe grossa e cortante, como as pedras afiadas que ficavam na sombra sob a ponte levadiça. Tinha o cabelo cheio de reflexos prateados, apanhado junto à nuca com um fio de couro. À semelhança de Nerium, as mandíbulas cerradas não lhe permitiam sorrisos fáceis — mas, quando olhava para mim, os cantos dos seus olhos azuis suavizavam-se sempre.

— Elspeth — saudou. Tirou a mão de trás das costas e pude ver um ramo dolorosamente delicado de flores silvestres no seu punho calejado,

mais concretamente, aquileias amarelas. — Feliz onomástico.

Senti uma palpação no peito. Mesmo volvidos todos aqueles anos — depois da morte da minha mãe, da minha infeção —, continuava a dar-me aquelas flores no meu onomástico. *A mais bela das aquileias*, costumava chamar-me quando eu era menina.

Levantei-me e fui ter com ele, a luz azul do seu bolso a chamar-me irremediavelmente. Quando me pôs o ramo de mil-folhas na mão, o cheiro da floresta picou-me o nariz. Devia tê-las apanhado nessa manhã.

Tentei não o fitar nos olhos muito tempo, o que só nos confrangeria a ambos.

— Obrigada.

— Íamos ter contigo ao salão — disse a minha madrastra ao meu pai, com um traço de desconforto na voz. — Passa-se alguma coisa?

O semblante do meu pai era imperscrutável.

— Vim dizer olá à minha própria filha na minha própria casa, Nerium. Há algum problema com isso?

Nerium cerrou a queixada com toda a força enquanto Ione tapava a boca para esconder o riso escarninho.

Estive quase a sorrir. Soube-me melhor do que devia ouvir o meu pai a defender-me. Havia, porém, uma dor antiga e persistente alojada no fundo do meu peito; essa sensação conseguia ser mais forte do que o leve puxão que senti nos cantos dos lábios quando me lembrei da verdade inalterável entre mim e o meu pai: ele nem sempre me tinha defendido.

Balian enfiou a cabeça calva na saleta.

— O jantar está pronto, meu senhor. É pato assado.

O meu pai fez um aceno grave.

— Que tal se passássemos ao salão?

As minhas meias-irmãs abandonaram a sala de estar, secundadas pelo meu pai. A Ione foi logo a seguir, e eu, um passo atrás dela.

Nerium apanhou-me à porta, os dedos esguios a enfiar-se no meu braço.

— O teu pai quer que celebres o Equinócio connosco este ano — sussurrou, num tom especialmente sibilante. — Mas é claro que não farás tal coisa.

Baixei os olhos para a mão dela, cravada no meu braço.

— “É claro” porquê, Nerium?

Ela semicerrou os olhos azuis.

— Da última vez que foste, se bem me lembro, fizeste figura de parva com aquele rapaz (cuja mãe, aviso-te já, nos veio visitar algumas vezes, à espera de te conhecer).

Franzi o sobrolho. Tinha-me praticamente esquecido de Alyx, já que aquela história acontecera há vários anos.

— Podiam ter-lhe dito onde moro.

— E pôr as pessoas a perguntar umas às outras pelo porquê de o teu pai te ter mandado embora? — As rugas à volta dos lábios dela aprofundaram-se. — Nós temos aqui um acordo que funciona, Elspeth. Tu guardas distância da corte, quietinha e longe da vista dos outros, enquanto o teu pai paga aos Hawthorn (generosamente, devo acrescentar) para que te sustentem.

*Para que me sustentem.* Nerium proferiu aquilo como se eu fosse um cavalo do estábulo do meu tio. Arranquei o braço das garras dela. Qualquer apetite que pudesse ter desapareceu. Olhei por cima do ombro da minha madrasta, à procura de Ione, mas ela já tinha ido para o salão principal.

— De repente, não me apetece muito comer pato — afirmei por entre os dentes. Afastei-me da minha madrasta, batendo com a porta da saleta atrás de mim. — Vais desculpar-me, tenho a certeza.

Quase conseguia ouvir o sorriso na voz doce e maliciosa de Nerium.

— Desculpo sempre.

Consegui manter a compostura até sair da Casa de Spindle. Depois, quando os portões se fecharam atrás de mim, permiti-me finalmente chorar. Deixei cair a cabeça e que os olhos me ardessem à conta das lágrimas. Ao mesmo tempo, segui, esbaforida, o caminho inteiro até à velha igreja nos limites da cidade, apenas concedendo alívio aos pulmões enfermiços quando me vi sozinha, longe das ruas desertas.

Dobrei-me sobre os joelhos e desatei a tossir, com uma sensação de raiva e de dor a martelar-me conflituosamente no peito. O Pesadelo contorceu-se no escuro, como um lobo que pisa a erva antes de nela se deitar. *Foi uma pena termos de vir embora. Estava a gostar imenso da conversa empolgante com a nossa querida Nerium.*

Continuei a andar, dei um pontapé numa pedra com a ponta da bota até que ela se perdeu nas ervas altas que cresciam ao longo do barranco entre a estrada e o rio. *Vais vê-la outra vez em breve, não te preocupes.*

*E tu não vais fugir outra vez com o rabinho entre as pernas quando isso acontecer?*

*Querias que eu ficasse, depois daquilo?, devolvi.*

*Sim. Porque fugir, minha querida, é precisamente o que ela quer que faças.*

*É mais fácil assim: evita-los. Contive um soluço de angústia. É mais fácil fugir. A minha natureza é essa. Além disso, acrescentei com a voz rouca, o meu pai não me teria abandonado há onze anos se fizesse mesmo questão de ter a minha companhia. Estou farta de o saber. Porque te dás ao trabalho de me atenazar?*

O riso dele ecoou como água que pinga numa caverna, até se desvanecer num silêncio oco. *Porque essa, minha querida, é a MINHA natureza.*

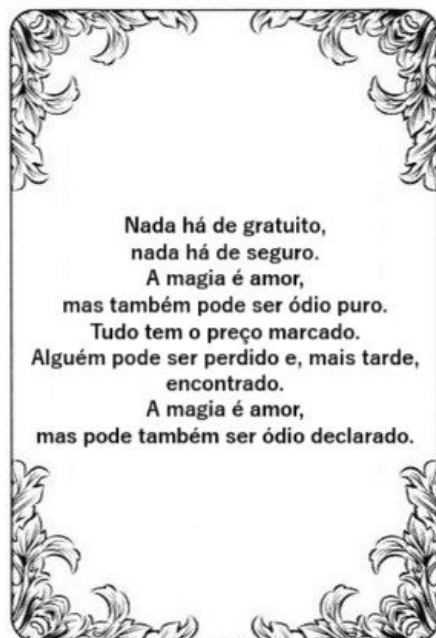
Sentei-me à beira do rio e deixei-me embalar pelo rumor da correnteza. Arranquei as minúsculas pétalas amarelas uma a uma, com o que depenei o ramo de aquileias. Comprei uma maçã e um naco de queijo picante a um vendedor ambulante, e fiquei ao pé da água até que o Sol desceu por trás da neblina. Tinha a pequena esperança de que Ione pudesse sair de casa do meu pai mais cedo, para vir ter comigo — que pudéssemos percorrer juntas a estrada da floresta —, mas o sino bateu as sete badaladas e ela ainda não tinha aparecido.

Prendi o cabelo numa trança e sacudi a terra do vestido, deitando uma última olhadela à cidade ao fundo da estrada antes de tirar a minha pata de corvo de dentro do bolso e de me embrenhar na floresta.

<sup>1</sup> Na tradição católica, o onomástico (“name day”, no original) era o dia em que se celebrava um santo ou divindade com o qual se partilhava o primeiro nome. Um exemplo mais próximo ala realidade portuguesa seria o costume de dar às raparigas o nome de Fátima se fossem nascidas a 13 de maio. Neste caso, num contexto de fantasia, o da personagem seria em homenagem a St. Elspeth. (*N. do T.*)

<sup>2</sup> Fusano (tipo de arbusto). (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 2



Tudo começou na noite da grande tempestade. O vento abriu as persianas do meu quarto e os clarões dos relâmpagos projetaram sombras grotescas no chão. As escadas rangeram com o meu pai a subi-las em bicos de pés à medida que os gritos da criada ecoavam pelos corredores enquanto fugia. Quando ele chegou ao meu quarto, eu estava imóvel, delirante, com as veias escuras como raízes de árvores. Tirou-me da minha estreita cama de infância e pôs-me numa carroça. Acordei dois dias depois na floresta, entregue aos cuidados da minha tia Opal.

Quando a febre amainou, acordava todos os dias de madrugada para inspecionar o meu corpo, à procura de algum sinal de magia. Só que a magia não veio. Adormecia todas as noites a rezar para que tivesse sido tudo um erro e para que o meu pai me viesse buscar depressa.

Sentia os olhares de soslaio dos criados, ansiosos por se escapulirem, bem como o semblante carrancudo do meu tio, à espera. Até os cavalos se desviavam de mim, como se fossem capazes de pressentir a infecção — o despontar da propagação da magia no meu sangue juvenil.

No meu quarto mên na floresta, o meu tio e seis homens entraram a cavalo pelo portão, os animais luzidios de suor e a espada do meu tio coberta de sangue.

Escondi-me, desengonçada, na sombra do estábulo e fiquei a observá-los, curiosa com o sorriso triunfante estampado nos lábios do meu tio. Chamou por Jheda, o seu mestre de armas. Vi-os a conversar em voz baixa e apressada antes de entrarem em casa.

Segui-os às escondidas até à biblioteca de mogno cujas portas de madeira tinham ficado ligeiramente entreabertas. Já não me consigo lembrar do que disseram um ao outro — a maneira como o meu tio tirou a Carta da Providência aos salteadores —, apenas que estavam consumidos pelo entusiasmo.

Esperei que se fossem embora (o meu tio foi tolo a ponto de não ter trancado a Carta) e infiltrei-me na sala.

Havia duas palavras escritas no topo da Carta: *O Pesadelo*. Abri a boca, os meus olhos infantis muito redondos. Conhecia quanto bastava *O Velho Livro dos Amieiros* para saber que aquela Carta da Providência em particular era uma das duas únicas do género, e que guardava uma magia formidável e temível. Quem a usasse teria o poder de falar dentro da mente dos outros. Se a usássemos muito tempo, a Carta revelar-nos-ia os nossos receios mais negros.

Não foi, contudo, a reputação da Carta que me enredou na sua teia — foi, isso sim, o monstro. Debrucei-me sobre a secretária, sem conseguir desviar os olhos da criatura hedionda desenhada no rosto da Carta. Tinha uma pelagem grosseira que lhe cobria os membros e descia pelo dorso corcunda até à cauda eriçada. Os dedos eram assustadoramente longos, cinzentos e sem pelos, culminando numas garras enormes e malévolas. O rosto não era animalesco nem humano, antes algo de intermédio. Aproximei-me mais da Carta, atraída pelo esgar da criatura, os dentes encavaliados sob o lábio curvo.

Os olhos capturaram-me: eram amarelos, refulgentes como uma tocha e rasgados por umas pupilas estreitas, felinas. A criatura encarou-me também, imóvel, sem pestanejar — e embora fosse feita de tinta e papel, dei por mim incapaz de afastar a sensação de que me estava a observar tão atentamente como eu a ela.

Tentar compreender o que aconteceu a seguir seria como remendar um espelho partido. Mesmo que fosse capaz de reajustar os fragmentos, as falhas na minha memória manter-se-iam. A única coisa de que tenho a certeza é da sensação do toque do veludo cor de vinho — a suavidade incrível dos rebordos da Carta do Pesadelo quando os meus dedos a afagaram.

Lembro-me do cheiro a sal e da dor fulminante que veio logo a seguir. Devo ter caído ou desmaiado, porque já estava escuro lá fora quando acordei no chão da biblioteca. Os cabelos da nuca arrepiaram-se, e, quando me sentei, tive (não sei como) a noção de que já não estava sozinha.

Foi a primeira vez que o ouvi, o som das garras compridas e malévolas a bater umas nas outras.

*Clique. Clique. Clique.*

Levantei-me de um pulo, a vasculhar a biblioteca à procura de intrusos. Mas estava sozinha. Só quando aconteceu outra vez — *clique, clique, clique* — é que percebi que a biblioteca estava vazia.

O intruso estava dentro de mim.

— Olá? — A minha voz tremia.

Ouvi uma voz masculina, sibilante e ronronante — feita de óleo e bÍlis —, sinistra e doce, a ecoar-me na escuridão da mente. *Olá.*

Fugi da biblioteca com um guincho, mas não havia maneira de escapar àquilo que tinha feito.

De súbito, tudo se tornou amargamente claro: a infeção não me tinha poupado. Eu fora dominada pela magia, uma magia estranha e terrível. Tinha bastado apenas um toque do dedo no veludo para que absorvesse qualquer coisa que estava na Carta do Pesadelo do meu tio. Toquei nela apenas uma vez e o poder da Carta invadiu os recessos do meu espírito, ficando lá preso.

A princípio, pensei que tinha absorvido a própria Carta, a sua magia. Apesar de todos os meus esforços, contudo, não conseguia falar dentro da mente dos outros. Só conseguia falar com aquela voz — com o monstro, o Pesadelo.

Dediquei-me a estudar *O Velho Livro dos Amieiros* até o saber de cor, em busca de respostas. Na sua descrição da Carta do Pesadelo, o Rei Pastor

escreveu que esta podia trazer à luz os maiores receios do seu portador — usando-os para o assombrar e aterrorizar. Esperei que a criatura me viesse assustar, esperei pelos sonhos, pelos pesadelos — mas não chegaram a aparecer. Sempre que entrava num quarto às escuras, cerrava os maxilares com força para me impedir de gritar, achando que ele ia aproveitar o ensejo para me pregar um susto de morte; certo é que se manteve quieto. Nunca me chegou a assombrar.

E continuou calado até que os Médicos vieram, na noite em que me salvou a vida.

Depois disso, os ruídos das suas idas e vindas tornaram-se familiares. Era uma criatura enigmática de segredos insondáveis. Mais estranho ainda, o Pesadelo tinha a sua própria magia. Aos olhos dele, as Cartas da Providência eram brilhantes como tochas, as cores coerentes com o rebordo de veludo de que eram feitas. Com ele aprisionado dentro de mim, também eu conseguia ver a luz das Cartas. Além disso, quando lhe pedia ajuda, ficava mais forte — era capaz de correr mais depressa e ir mais longe, com os sentidos mais aguçados.

Às vezes, ficava adormecido, como que a hibernar. Outras, parecia dominar por completo os meus pensamentos. Quando falava, a sua voz suave e fantasmagórica proferia enigmas rítmicos, citando, aqui e ali, *O Velho Livro dos Amieiros*, e, noutras ocasiões, fazia-o meramente para me arreliar.

Mas, por muitas vezes que lho perguntasse, nunca me explicou quem era, nem como tinha ido parar à Carta do Pesadelo.

Há onze anos que estamos juntos.

Há onze anos que não o conto a ninguém.



Não costumava atravessar à noite a estrada da floresta, e nunca por nunca o fazia sozinha. Olhei por cima do ombro, de novo à espera de que Ione aparecesse atrás de mim e de que pudéssemos enfrentar juntas, de braço dado, a escuridão.

A única coisa que se mexeu na orla do bosque, porém, foi uma coruja branca. Vi-a a levantar voo do matagal, sobressaltando-me com a aparição repentina. A noite tinha descido sobre as árvores, trazendo com ela uma abundância de ruídos animais dos bichos acicatados pelas trevas. O Pesadelo agitou-se no fundo da minha consciência, provocando-me um arrepio na espinha, apesar do ar tépido.

Cruzei os braços e estuguei o passo. Bastavam mais algumas curvas na estrada e conseguiria ver as tochas do portão do meu tio a assinalar o caminho de casa.

Não tinha, porém, chegado sequer à segunda curva quando os salteadores se abateram sobre mim.

Saíram do meio da neblina como um par de predadores, com longas capas pretas e máscaras que só lhes mostravam os olhos. O primeiro agarrou-me pelo capuz e tapou-me a boca com a mão, abafando o grito que se escapou dos meus lábios. O segundo tirou do cinto um punhal com cabo de marfim e apontou-mo ao peito.

— Fica quieta e não terei de usar isto — disse ele, a voz grave. — Percebeste?

Calei-me, engasgada pelo medo. Tinha andado naqueles bosques metade da minha vida e nem sequer um cão se me tinha atravessado no caminho, e muito menos salteadores (para mais, às portas da propriedade do meu tio). Eram bastante atrevidos — ou então estavam desesperados.

Invoquei a escuridão dentro de mim, pedi ajuda ao Pesadelo. Este avançou a bufar, atizado pelo meu medo, bem desperto por detrás dos meus olhos.

Fiz um aceno de cabeça ao salteador que tinha à minha frente, com o cuidado de não o espicaçar.

Ele recuou um passo.

— Como te chamas?

*Mente*, sussurrou-me o Pesadelo.

Inspirei com dificuldade, o capuz ainda preso pelo primeiro salteador.

— J-J-Jayne. Jayne Yarrow<sup>3</sup> — respondi, lembrando-me do nome das flores que o meu pai me tinha dado.

— E aonde é que vais, Jayne?

*Diz-lhe que não tens nada que valha a pena roubar.*

*Para que me façam pagar com o corpo? Não me parece.*

A raiva começou a borbulhar por baixo do meu medo, a ira do Pesadelo a provocar-me um sabor metálico na língua.

— Eu... Eu trabalho para *Sir Hawthorn* — consegui responder, rezando para que o peso do nome do meu tio os pudesse assustar.

Quando o salteador atrás de mim lançou uma interjeição satisfeita, percebi que tinha dado a resposta errada.

— Então deves saber qualquer coisa acerca das Cartas dele — disse o homem. — Conta-nos onde é que ele as guarda e deixamos-te ir.

Endireitei as costas e cerrei os punhos com força. O castigo por roubar as Cartas da Providência era a pena de morte, consumada lenta, atroz e publicamente, o que significava que não estava perante salteadores banais.

— Sou só uma criada — menti. — Não sei nada de nada.

— É claro que sabes — insistiu o salteador, puxando-me o capuz até que o fecho me apertou a garganta. — Conta-nos tudo.

*Deixa-me sair*, pediu de novo o Pesadelo, a voz ameaçadora por trás dos dentes afiados.

*Cala-te e deixa-me pensar*, disparei, sem tirar os olhos do punhal.

— Olá? — O salteador que estava atrás de mim puxou-me mais uma vez o capuz. — Não me ouviste? És surda ou quê?

— Espera — avisou o homem do punhal. Eu continuava sem lhe conseguir ver a cara por trás da máscara, mas os seus olhos deixaram-me pregada ao chão. Quando se aproximou, encolhi-me; o cheiro a fumo de cedro e a cravinho impregnava-lhe o manto.

— Revista-lhe os bolsos — ordenou.

Uns dedos invasores apalparam-me as ilhargas e a cintura, antes de descerem pela saia. Cerrei os maxilares e levantei o nariz bem alto. O Pesadelo manteve-se quieto, as garras a tamborilar num ritmo sincopado.

*Clique. Clique. Clique.*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "The Shepherd King 1 - Uma Janela Sombr..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).